



Comunicação, biopolítica e fabulação das crianças cuir /queer/viadas no cinema: quais futuros possíveis são ensinados para suas corpos²?

*Communication, biopolitic and fantasy of cuir/queer/faggot
children in cinema: what futures they learn to be possible for
their bodies?*

Bruno Azzani Braga³

Reginaldo Moreira⁴

¹ O conceito de cuir/kuir representa uma reinterpretação sul-global (sudaca) do pensamento Queer originado por acadêmicos e teóricos, sendo que nos países de língua espanhola tende a adotar o "Kuir" (Mombaça, 2016) e no Brasil o "Cuir" (Trávez, Martínez-Echazábal, Pierce e Viteri, 2021; Brito, 2021). Essa versão reestruturada localiza o conhecimento e as vivências dos corpos envolvidos na região, evitando uma transposição descontextualizada do que foi debatido nos Estados Unidos e na Europa, como se esses fossem os únicos detentores da verdade e legitimidade para abordar questões globais. Pereira, em 2012, aborda essa temática com destreza no artigo "Queer nos trópicos". Em ambos os casos, a abordagem é decolonial, uma leitura crítica dos conhecimentos e perspectivas Queer que valoriza as contribuições locais.



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

RESUMO

Este artigo investiga, a partir do título provocativo “Quem defende a criança queer?” de Paul B. Preciado, as relações educativas cinematográficas com essas corporalidades dissidentes que o autor evidencia em sua análise. A partir desta leitura, transversalizada pelos conceitos de heteronormatividade e abjeção de Judith Butler, a partir das discursividades do sexo e da generificação dos corpos, e o conceito de necropolítica, de Achille Mbembe. Tais classificações, categorizações e valorações, a partir da diferença, geram estigmatizações a partir das lógicas da normalização e normatização dos corpos, efeito aqui associado às proposições educativas pedagógicas de Guacira Lopes Louro no campo do audiovisual. A anti-metodologia empregada é da Cartografia Sentimental, de Suely Rolnik, que permite interpretações a partir dos afetos e dos agenciamentos dos pesquisadores que selecionaram o filme “La cité des enfants perdus” (1995) para a confecção possível de análises ao lado da leitura fílmica *Queer* de Jack Halberstam.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção; Fabulação; Infância; Cartografia Sentimental; Queer/Cuír

² A denominação questiona o uso binário do gênero na língua portuguesa e reitera a luta pela inclusão das travestis de seus corpos políticos, pois a língua define normas e também é passível de ser incluída no conceito de humanidade (Kilomba, 2018). A binaridade linguística colonial reflete valores políticos e culturais, sendo assim, é vital considerar saberes de grupos marginalizados, frequentemente silenciados (Spivak, 1985/2010), e resistir à coer-

ABSTRACT

This article is an investigation originated from the question made by Paul B. Preciado in the title of his article “Who defends the queer children?”, where we made a relation between cinema, education and queer corporality’s. Making use from the concepts of heteronormativity and abjection from Judith Butler, bases in the discourses of sex and gender that mark bodies, and Necropolitics from Achille Mbembe. The classification, categorization and evaluation, from the difference aspects of a person, producing a logic of stigmatization from what is normal and not normal. We read this operation from a perspective of education/pedagogy from Guarcia Lopes Louro articulated with cinema. The antimethodology from Sentimental Cartography of Suely Rolnik is the tool which we select to make the agency of our affections and research from the movie “La cité des enfants perdus” (1995) weaving our analyses by the side of the filmic Queer reading of Jack Halberstam

KEYWORDS: Fiction; Fabulation; Infancy; Sentimental cartography; Queer/Cuír

ção ideológica. A linguagem inclusiva de gênero visa diversificar narrativas e desafiar a historiografia dominante, conforme Chimamanda Ngozi Adichie adverte (2019), por isso que nos apropriamos de seu uso durante o texto.

3 Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, Escola de Belas Artes, Departamento de Design, Curitiba - Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-2563-0538>, brunoaz-zanibraga@gmail.com

4 Universidade Estadual de Londrina - UEL, do Centro de Educação, Comunicação e Artes - CECA, Departamento de Comunicação, Londrina - Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4058-0938>, regismoreiraregis@gmail.com



Introduzindo: calma não vai doer nada¹

Angústia Humana que nunca passa
Se eu existir em outra vida
em outro corpo for suficiente
sentirei ainda angústia humana que nunca passa?
Ou serei qualquer outra coisa
que não humana
apenas basta?
(Hell, 2022, p.15)

“Quem defende a criança queer?”, nos questiona Paul B. Preciado em um dos artigos de seu livro “Um apartamento em Urano” (2020). A partir desta leitura, transversalizada pela obra de Judith Butler, em que os processos da heteronormatividade levam a classificar os corpos como abjetos e a classificar e valorar quais vidas importam (2011), a partir das discursividades do sexo e da generificação dos corpos, somados aos conceitos da necropolítica (2018), de Achille Mbembe. Tais classificações, categorizações e valorações, a partir da diferença, geram estigmatizações a partir das lógicas da normalização e normatização dos corpos. Essa estruturação social justifica os movimentos conservadores que constroem e projetam um imaginário do futuro a partir de um ideal de criança que se enquadre em padrões predeterminados como modelo, como ideais a serem atingidos pela educação hegemônica, o que leva, como efeito, ao apagamento da validade subjetiva das existências das crianças cuir/*Queer*/viadas e valida as diversas formas de negação, exclusão e violências cometidas contra esses corpos. Outro ponto levantado nessas discussões é o jogo da naturalização de categorias como “sexo” enquanto classificação pré-discursiva (Butler, 2003), ignorando sua construção histórica cultural como expõem Michel Foucault (1999, 2006, 2007) em “A História da Sexualidade” e Thomas Lacquer e Catherine Gallagher em “*The Making of the Modern Body: Sexuality and Society in the 19th Century*” (1987). Esses discursos inclusive têm seu efeito estruturado no campo jurídico e educativo, Guacira de Lopes Louro (1997, 2000, 2004, 2017), uma das responsáveis por, de maneira pioneira, relacionar contribuições dos estudos *Queer* (futuramente Cuir) com o campo da pedagogia/educação no Brasil, entende que são processos estruturantes na sociedade esses atravessamentos pela educação na reiteração binária e pouco diversa na educação e nossa contribuição aos estudos vem sendo somar vozes ao pensar que são perpassados por atos de fabulação das representações, ou seja, através de uma construção imagética de um sujeito específico. Dessa forma, como pensar em cor-

¹ Escutar a música *Mort De La Pieuvre* de Angelo Badalamenti https://www.youtube.com/watch?v=VouZdQJL-90&list=PLvtoVoSLovLgT_-UQVP4yCgh-4fW43_x&index=3



pos/corpos que escapem de regulações e educações binárias projetando então um local possível para expressão dessa criança cuir/*Queer*/viadas?

Essa pergunta e esse contexto geral foram guias para realização das interpretações e investigações a partir do filme *La cité des enfants perdus* (1995). A temática central desta obra é a captura da potência da fabulação da criança que é educada em uma situação cultural de medo que se beneficia do controle do corpo, fazendo-o ser produtor ao sistema estabelecido e alienado (Deleuze, 1992). Esse tipo de mídia é discutido como sendo um importante meio de comunicação enquanto gerador de reflexões sobre as operações humanas (Deleuze, 2005), além de ser um dos aparatos para reforço de operações na comunicação da biopolítica (Yamamoto, 2020). Destaca-se nesta pesquisa como os processos educativos da imaginação são fundamentais para as ações concretas, pois formam um guia de onde se quer chegar, como exemplificado pelos movimentos de fabulação especulativa (Haraway, 2016, 2019, Mclean, 2017, Nelson, 2002, Freitas, Messias, 2018, Nodari, 2015, Mbembe, 2016, Tal, 2002). A anti-metodologia empregada é da Cartografia Sentimental, de Suely Rolnik (2007), que permite interpretações a partir dos afetos e dos agenciamentos dos pesquisadores.

1 Antimetodologia²

Para começarmos a entender as problemáticas da biopolítica e das crianças *Queer* / viadas / cuir será necessário abrir aspectos da cartografia sentimental para entendermos o que se pretende com um tipo de pesquisa que desafia o campo da ciência. Estamos falando aqui de um local de disputa entre o que é considerado ciência, ou melhor, entre o que é negado pela ciência clássica e o que está tentando adentrar exatamente esse campo científico, analisando com outros critérios, o que a ciência clássica tradicional não consegue contemplar em sua perspectiva positivista. Adotar a cartografia sentimental é alinhar-se com a militância do saber, de um conhecimento implicado em que o sujeito e o objeto não estão distanciados; muitas vezes são os mesmos. A cartografia convida o sujeito a adentrar o campo daquilo que está sendo analisado e se transformando no processo, ou seja, sua análise é implicada e oriunda das experiências que aquele corpo está perpassando. O objeto passa então a ser reconhecido como um disparador de afetos, que ecoa em relação *ad infinitum* no corpo do pesquisador, o que Rolnik (2007) chama de corpo vibrátil. E o que é afeto? Como explicar um conceito que não é só utilizado por Rolnik, mas também por outros autores como Deleuze, Guattari e Espinosa? O afeto é tudo aquilo que de alguma forma irá nos provocar um determinado estado; isso não quer dizer que os afetos são só sentimentais, ou seja, formados exclusivamente

2 Escutar a música Les Enfants Sauvent One de Angelo Badalamenti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n5AksJqA3Ag&list=PLvtoVoSLovLgT_--UQVP4yCgh4fW43_x&index=2



pelo sentimento, mas é entender que o nosso corpo irá reconhecer uma situação pela qual passamos e se manifestar de alguma forma. A escrita neste caso é a maneira que encontramos de demonstrar as nossas afetações para quem estiver lento. Não existe um limite expressivo; tudo o que dá língua aos sentidos pode ser utilizado como possibilidade para falar sobre determinado assunto. E aqui onde entramos é um segundo aspecto importantíssimo da cartografia sentimental que é esse caráter antropofágico que a Sueli Rolnik defende no seu livro chamado de “Cartografia Sentimental”. A leitura que ela tem da antropologia é baseada em Oswald de Andrade em seu manifesto antropofágico. A partir da releitura das práticas de antropofagia de alguns povos originários, entende-se o efeito enriquecedor que o corpo humano irá adquirir.

Certa vez, vimos escrita no antebraço de uma pessoa a frase: “a antropofagia é o que nos une” e pensamos que exatamente isso é tanto um chamado para falar da união entre pessoas como da junção de si, uma forma de linha que costura nossas partes que parecem estar distantes e fragmentadas, criando o que somos. O cartógrafo entende essa apropriação dos conceitos que nos formam e os explora, apropria, devora e desova. Não há necessariamente um fim para a pesquisa, pois o alimento/elemento de sua pesquisa pode ser vários e, após concluída, ressignificado. O que limita as explorações e os caminhos são os platôs escolhidos para descrever aquela paisagem psicossocial que foi sendo descoberta como profundamente relevante para si. A ideia é formar um mapa que vamos desenhando cada local e dando nome a esses espaços. Quando nos sentimos satisfeitos com o que foi encontrado e percebemos que nossas provocações em torno do objeto parecem ter nos provocado até onde conseguimos ir sem nos ferir, temos uma proposta de mapa a ser compartilhado. Das poucas regras elencadas por Rolnik (2007) para a construção da cartografia sentimental (já que ela pode ser composta de várias formas), o respeito à vida é fundamental ao se apropriar da pesquisa, sendo que a regra de ouro é zelar por ela, não permitindo que se finde. Essa regra ajuda quem pesquisa a não cometer atos que podem ser prejudiciais a sua saúde e de quem se relaciona no processo, pois essa metodologia pede que sejamos completamente autoanalíticos. Não existe processo cartográfico sem considerações sobre si, é necessário sempre estar pensando a respeito a cada afeto disparado, entendendo seus motivos e sentindo como reverbera no corpo. Além disso, o mundo não irá interromper seus disparos no campo dos afetos, ainda mais quando entramos em trabalho cartográfico. O mundo influencia o tempo todo e nosso corpo vibra; acaba por ressoar suas provocações.

Até agora, então, foi dito que a cartografia mapeia as paisagens psicossociais, nos auxilia a entender as vibrações de nossos corpos, se faz no ato antropofágico de consumir todo tipo de conteúdo que a auxilie em sua expressão e possuiu uma regra de ouro a respeito de proteger a vida, o que poderia ser dito a respeito de sua escrita? Que possibi-



lita uma redação (e pesquisa em si) teórica/prática/poética. A relação das duas primeiras é mais comum, mas a última característica pode parecer metafísica e descabida; contudo, afirmamos que não o é. Se o cartógrafo é esse ser que, por excelência, deve ser um antropófago, devorando vários conteúdos diferentes que o auxiliem em sua expressão, a poesia é a liberdade de fazê-lo. Em vez da escrita dura (formal e distanciada) de um texto científico positivista, a cartografia oportuniza um campo expressivo que melhor se adequa ao investigado. Para nós, o uso da poesia e as indicações musicais espalhadas ao longo do texto contemplam essa poética, pois a poesia e a música em si carregam a expressividade e o jogo significativo que, ao tangibilizar o efeito onírico da história, nos levam a pensar sobre locais possíveis de vivências que não são (cis3)heteronormativas.

Decidimos, como forma da proposta de análise do filme, trazer conceitos que, ao assisti-lo, identificamos como possíveis para o diálogo nas próximas duas seções, 3 e 4, nesse momento sem tratar e apontar diretamente as cenas. Nessas seções constam a identificação e a definição desses conceitos, enquanto, na seção de número 5, nos concentramos em fazer a descrição de elementos significativos da obra já elaborando as interpretações, para conectar descrição e conceito com o nosso olhar crítico. Essa sequência é baseada na forma como Jack Halbesrtam constrói suas análises fílmicas no livro *A arte Queer do fracasso* (2019). Ele não assume propriamente como uma metodologia, mas sua forma de tratamento e pesquisa a respeito da leitura das imagens complementa a nossa construção cartográfica. Além disso, ele se concentra na área dos campos de autores que mobilizam perspectivas teóricas, científicas, políticas e poéticas Queer, que usamos para pensar a respeito dessas vozes (ideologias) que se conversam. Não pretendemos esgotar todas as possibilidades interpretativas e de análise desse filme, mas indicar um estado de relativa estabilidade de leitura.

2. A prisão da norma⁴

*

Existência insignificante
Experiências desconexas
Uma eternidade instantânea de desolação em
vão
Decadência do corpo
Futilidade da alma
Esquecimento do essencial

3 Abreviação para cisgênero: pessoas que se identificam com o gênero atribuído ao sexo no nascimento a partir da genitália, ou seja, uma mulher cisgênero necessariamente tem uma vagina e um homem cisgênero um falo.

4 Escutar a música *L'anniversaire D'irvin* de Angelo Badalamenti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KRF78AGvIoQ&list=PLvtoVoSLovLgT_--UQVP4yCgh-4fW43_x



Confronto do abismo da existência
Compreensão súbita do insuportável
Percepção do incompreensível

Resignação do inaceitável
Um gênio que nunca nasceu
Capacidades não desenvolvidas
Não por falta de oportunidade
Mas por falta, apenas

Reflexão absorta embebida na falta ou no excesso de ego
Visão em escala do ser
Só mais um
Só mais um nada
Só mais um nada no meio do turbilhão caótico do tudo
Fui-me
Extingui-me
E, em breve, é como se nunca tivesse existido
(Hell, 2022, p.25-26)

Quantas vezes em filmes não escutamos as personagens principais declamando sobre a vontade de serem normais, estarem conforme as estruturas vigentes para sofrer menos. Em alguns casos, é alcançado esse local e o viver felizes para sempre se conclui, como uma reatualização de que só existe felicidade para quem é normal. Por outro lado, ao se deparar com esse estado, pode-se perceber-se em uma condição que não contempla com profundidade sua subjetividade, uma sensação de que fazer parte daquilo é cortar uma parte de si para caber nas caixas das expectativas. Essa segunda percepção reverbera em nós corpos *Queer* / cuir / kuir com constância, pois os letrados de “não é bem quisto aqui” ou “vá embora sua bicha,” são escancarados. Foi em brejos, bueiros, guetos, saunas, atrás de bambuzais e outros locais na escuridão que as nossas vivências foram possíveis. A luz do dia é normativa, e quer queimar tudo que considera sujo, diferente e inapropriado, por isso a escuridão se torna morada desses corpos não normativos. Mas o que é a norma? Além disso, qual o motivo de parecer que ela se estabelece para segregar e não incluir? Qual o seu uso para nossa sociedade? A partir das vivências experienciadas pelos corpos *Queer* / cuir / kuir e também em outras instâncias como jurídica / política / social uma norma é um acordo entre membros da sociedade para manter-se de determinada forma e trazer segurança para seu sistema. Segurança essa relegada a apenas alguns corpos privilegiados, como veremos adiante. Em nossa sociedade, os sistemas normativos não perduram apenas em uma instância como a legal, mas também a racial, de gênero/sexualidade, de classe, entre outros marcadores. Um corpo branco terá



mais privilégios do que um negro em uma estrutura racista (Almeida, 2019), ao ser construída para o primeiro ter mais direitos que o segundo. Dessa forma a norma, o normal, é a branquitude instaurada em locais de privilégio e maior acesso, o anormal são pessoas negras nesses espaços, o estranhamento é visível e profundo quando o segundo acesso o local construído e constantemente reatualizado para o corpo branco. Contudo, só a raça não dá conta de entender as políticas da biopolítica de eliminação de corpos; ela é fundamental para entender, sobretudo no Brasil pós-colonial (mas constantemente colonizado), e ver, sim, que corpos pretos, negros e pardos são os mais assassinados. Contudo, outra demarcação que corrobora as violências é a de gênero e sexualidade, que dará locais especiais na demarcação da abjeção dos corpos.

Um corpo de uma sapatão branca e um corpo de uma mulher transexual preta terão tratativas diferentes, ambas são hipersexualizadas pela sociedade machista, contudo a punição e vivência para primeira difere da segunda (Kumpera, 2020; Pinheiro, 2022) ao nível de violência. Além disso, o acesso da primeira em alguns locais será quase garantido, se por acaso essa não revelar sua orientação sexual ou performar longe do entendimento social de feminilidade. Isso corrobora a compreensão de que a normatividade privilegia não somente a branquitude, o sexo masculino e a heterossexualidade, mas também os corpos cisgêneros. Podemos chamar isso de cisheteronormatividade⁵ (Azzani Braga, 2023), contudo, esse termo não é criado pelas autorias que aqui escrevem, mas baseados em outros estudos e na filósofa Judith Butler. Com ela podemos aplicar dois conceitos que surgiram de suas observações sobre corpos que têm mais privilégios que outros na sociedade. A ideia de heteronormatividade e de corpo abjeto são percepções que contribuem com nossa discussão, pois a leitura de Butler (2019) sobre a sociedade (EUA e que podemos pensar na brasileira com as devidas proporções) demonstra que a heteronormatividade é uma regulação social que beneficiará corpos que heterossexuais que agem conforme os padrões. O efeito educativo dessa relação se encontra conectado a esses benefícios, descreve-se, caracteriza-se a diferença e se privilegia como forma de recompensar quem segue esses determinados padrões construídos/imaginados (Louro, 1997).

Louro coloca em termos semelhantes essa questão:

No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através

5 Cis é a pessoa que se identificam com o gênero designado ao nascer a partir da genitália (Leal, 2021).



de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (Louro, 2000, p. 6).

Eles [as corporalidades beneficiadas em seus contextos por essas fabulações] terão locais facilitados de acesso e a sociedade irá ovacioná-los, veja as propagandas e histórias que reiteram essas relações como as mais importantes e significativas e materiais didáticos que irão em uma perspectiva binária reiterar essas demarcações (Louro, 2017). O complemento com o prefixo cis e aglutinado ao termo branco demonstram ainda mais a especificidade de quem em nossa sociedade (e a de Butler também) terão esse local da proteção e acolhimento das leis.

Um corpo *Queer* / cuir / cuir terá uma vivência que escapará muitas vezes dessas normas, nossos corpos brancos não sofrem pela raça no Brasil, pois as encruzilhadas (ideia de caminhos que nos formam (Rufino, 2019) demonstram os privilégios que é ter esse caminho como atravessamento, contudo quando olhamos para a expressão de nosso gênero e sexualidade percebe-se o local da abjeção que carregamos, de uma inferiorização em comparação a heterossexualidade, como se fossemos menores e por isso o castigo é o abuso sexual dos demais colegas, os espancamentos nas ruas e o escárnio de outros, até mesmo com um sentimento de diminuição das capacidades cognitivas e sociais de um. Esse processo é quase pedagógico, pois na diferença e restrição do espaço ajuda na organização da própria cisheteronormatividade e criam corpos considerados abjetos, que Butler define como “zonas ‘não-visíveis’” e “inabitáveis” de pessoas classificadas como não sujeitos e como isso auxilia na construção da própria norma que se organiza a partir da definição do abjeto (Butler, 2019).

Assim, equivale a afirmar que uma parcela da sociedade é aceita, enquanto outra, caso não se adeque às normas estabelecidas, é sujeita à exclusão ou até mesmo à eliminação. Especialmente ao considerar a construção desses sistemas operacionais que legitimam essa lógica, ou “Cistemas”, como tenho discutido, evidenciando o impacto da



cisgeneridade na estrutura social. No entanto, o que determina o que é considerado abjeto? Ao abordar a questão da sexualidade, podemos examinar o “Cistema Sexo/Gênero”, que se baseia na ideia de que cada sexo biológico está associado a uma expressão corporal específica que deve ser seguida. Quando sujeitos desafiam ou questionam essas normas, automaticamente não se encaixam nesse “Cistema” e são frequentemente invisibilizados na vida social, indicando constantemente que não são bem-vindos.

3. Necropolítica e a morte da fabulação da criança cuir/Queer/viadas⁶

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (Mbembe, 2016, p. 123).

Essa citação vem diretamente do ensaio intitulado Necropolítica do autor camaronês Joseph-Achille Mbembe. Nele, o autor tece uma construção crua e cortante da realidade, pensando que o Biopoder de Michel Foucault não contemplava uma ação mais ativa do Estado nas políticas de regulação dos corpos. Em sua teoria, o autor francês demarca que estamos passando por uma construção e instauração do Estado que, a princípio, criaria aparatos que dariam as condições para determinados corpos sobreviverem e outros morrerem. Sendo assim, é uma ação em volta de um pensamento do deixar morrer; não seria ele necessariamente o dono da ação de eliminação do outro, mas um facilitador das condições que tornaram assim sua vivência. Por outro lado, as políticas então promoveriam *status* o suficiente para que pessoas pudessem viver, ou melhor, terem alguma condição para tanto; assim, quem não conseguisse sobreviver seria o próprio responsável e não o Estado.

Contudo, analisando o processo de colonização e o uso da escravidão do povo negro como mão de obra para a regulação desse sistema econômico vigente, Mbembe percebeu que o Estado não era somente responsável por criar aparatos para a manutenção da vida, como também por tecnologias de morte. Através do investimento sólido em técnicas mortíferas, o próprio estado construirá um relacionamento com a vida que apaga certas noções como a do ser. No período colonial brasileiro, foram criadas inúmeras

⁶ Escutar a música Miette de Angelo Badalamenti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VOKBtHwaJcw&list=PLvtoVoSLovLgT--UQVP4yCgh4fW43_x&index=8



ras ações e investimentos governamentais para instaurar o regime de escravidão no país e perdões pelos abusos cometidos contra as pessoas escravizadas. Uma tecnologia de morte precisa somar 4 pontos fundamentais para seu funcionamento, como: saber técnico, ser impessoal, silenciosa e rápida. Os navios negreiros eram famosos por amarrar dezenas de pessoas a uma pedra e lançar no fundo do mar para que se afogassem. O estado era ciente dessas práticas e não intervia, pelo contrário continuava a dar as condições necessárias para tais ações contribuindo ativamente com a barbárie, e justificamos essa ausência de posicionamento como uma ação ativa, pois ele se beneficiava com o comércio de humanos e dois da produção oriunda da exploração da mão de obra de pessoas escravizadas, sendo assim apesar de muitas vezes ações serem de morte serem realizadas por indivíduos, essa ausência torna-se um suporte.

Em outros momentos da história brasileira, o Estado foi o principal responsável por aplicar as tecnologias de morte, como na ditadura militar de 1964 a 1985. Durante esse período, era legítima a ação estatal em técnicas de tortura e morte de corpos que eram oposição ao regime instaurado. Mas não eram apenas os corpos brancos heterossexuais dos opositores que eram perseguidos; todo tipo de manifestação contrária aos 'bons costumes' era feita como inimiga do Estado; logo, as bixas, sapatões, travestis, pobres, pretos/pardos, loucos, etc. eram elegíveis ao assassinato. A escravidão moderna demonstrou um recurso recorrente na instauração dessa lógica, que Mbembe entende como sendo a construção a partir da dicotomia entre razão e emoção, para delimitar quais corpos são humanizados e quais não. O autor camaronês entenderá a instauração de estados de exceção como o local necessário para instaurar isso, substituindo o estado de direito. Uma pessoa negra escravizada, por exemplo, nessa lógica nefasta, perde o caráter de pessoa/humanidade para dar espaço à classificação de 'mercadoria, objeto e abjeto'. Dessa forma, as violências cometidas em seu corpo podem ser humanizadas e fazer parte integrante de como a sociedade funciona; em alguns casos, o castigo será espetacularizado, mas, como propõe Mbembe, a busca quase sempre será pela eficiência. Em anos mais recentes, o Estado cometeu, por grande parte do tempo, um abandono das populações que eram (são) consideradas menores por grupos conservadores, como a LGBTQIAP+.

Durante os anos iniciais do surto do vírus HIV/AIDS, foram associadas às doenças originadas por elas como sendo da comunidade, inclusive sendo vinculadas à expressão Câncer Gay como sinônimo para tanto. Demorou anos e uma movimentação em conjunto de vários membros da sociedade para o Estado ser mais responsável com sua população e ativamente ofertar meios e investimentos em possibilidades de saúde que possibilitem e proporcionem o viver dos seus cidadãos soropositivos. Poderíamos afirmar que, nesse caso, a aplicação da ideia de biopolítica de Foucault seria a mais correta, e concordamos, vistas as especificações do conceito; contudo, o efeito necropolítico está



associado principalmente à ação de abjeção. O corpo abjeto é condição mínima para esse estado de exceção, logo de violência, sem ele, as condições para mantê-lo tornam-se problemáticas, pois sem a identificação fácil de um inimigo, uma pretensão de verdade universal e erros minimizados, o terror, marca da tecnologia do medo, não se instaura com facilidade.

A comediantes ultraconservadora francesa Frigide Barjot em seu discurso na manifestação a favor da limitação dos direitos dos homossexuais, propõe a abjeção de corpos. Em seu discurso, a criança aparece como um local sagrado que as pessoas LGBTQIAP+ estariam tentando corromper. Como? Apenas existindo em sociedade, para ela e “os católicos, os judeus e muçulmanos integralistas, os copistas desinibidos, os psicanalistas edipianos, os socialistas naturalistas à la Jospin, os esquerdistas heteronormativos e o rebanho crescente dos modernos reacionários” (Preciado, 2019), a existência de pessoas que não são heteronormativas é exemplo de perversão e ruína da sociedade. Barjot tenta usar em sentenças politizadas recursos velhos de tornar várias vivências como o lixo da sociedade, e assim fabula um futuro em que crianças sejam necessariamente heterossexuais.

A fabulação desse local, ou a reatualização de um passado memorável projetado no futuro, é utilizada como condição aglutinadora desses grupos. Quando eles focam na proteção da criança, dizendo-se os legítimos defensores, cria-se um paradigma social que é: “como não apoiar um grupo que quer defender o indefeso?” (Edelman, 2004). Essa narrativa coloca qualquer opositor da direita conservadora como espécie de nefasto aliciador, como se opor à ideia proposta dessa criança imaginada fosse existente. Eis que Preciado (2019) reitera que a criança que Barjot tanto defende não existe.

Os defensores da infância e da família apelam à família política que eles mesmos constroem, e a uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero. Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte (Preciado, 2019, p. 69-70).

Considerar uma criança *a priori* heterossexual, pela lógica do que seria correto, é apagar as incontáveis outras existências que um corpo pode ter. Ao exigir a morte para se instaurar, essa criança servirá como a principal desculpa para diminuir, retirar ou não instaurar direitos a populações LGBTQIAP+, e novamente irão construir toda a vivência desse como errada e malquista. Percebe-se aos poucos como essa lógica beneficia as tecnologias de terror, e poderíamos dizer que Mbembe e Preciado têm um local em co-



num epistemologicamente (para além da relação da leitura de Michel Foucault): o terror é necessário para produzir uma política de morte que será expandida em atos estatais. Movimentos conservadores em alguns países africanos demonstram isso, por exemplo, a Uganda em 2023 apoiando a lei que condena a identificação de pessoas como LGBT-QIAP+ ou fazendo práticas a 10 anos de prisão (Instituto Humanista Unisinos, 2023) ou a sentença de morte a pessoas da comunidade em países, tais como Afeganistão, Catar, Emirados Árabes Unidos, Paquistão e Somália (Rosas, 2023). Essa expressão é máxima da intervenção do Estado como instaurador da morte como política, ou para usar o termo, necropolítica da sua sociedade.

A condição de indefesa da criança proclamada por esses movimentos conservadores é construída como uma forma de retirar toda ação política do corpo da infância. Ela é vista na posição de impossibilidade de se governar, e isso justificaria as violências em seu nome e até em seu corpo. Como Edelman (2004) constrói em seu livro “No Future”, o adulto conservador projeta-se na criança consumindo-a, limpando do seu interior qualquer possibilidade de subjetividade diferente da dele. Essa é uma forma de tentativa de se imortalizar naquele ser, pois ele seria a propagação e continuação da sua própria existência. Por isso, Preciado (2019) afirmará que “A biopolítica é vivípara e pedófila” (p. 71). Ela precisa consumir e controlar o corpo, mas não só isso, precisa matar o devir daquele ser e por isso, é necropolítica pela presença de aparatos do Estado que beneficiam essas condições.

4. *La cité des enfants perdus*: quando matamos a possibilidade de sonhar⁷

A poesia apareceu durante a pesquisa como parte do próprio filme, que se constrói em muitos momentos surrealistas que parecem não ter nexos, mas que provocam. Quanto à música, a trilha sonora do próprio filme auxilia na compreensão do sentimento do marasmo e do tom pesado que perpassa a obra, não é uma vida fácil para os órfãos ali raptados e que vivem em condições precárias. Eles são rodeados de adultos que deveriam zelar por sua segurança, mas que se aproveitam de sua condição para explorar sua mão de obra; isso no melhor dos cenários, pois, para outros adultos, eles serão apenas moeda de troca para equipamentos mecânicos. O tom melancólico é presente e incessante durante todo o filme, e recomenda-se assistir à obra para deixar reverberar no corpo a proposta. *La cité des enfants perdus* (1995), apesar de ter completado seus 30 anos em 2025, trata de assuntos que parecem dialogar com o que Mbembe (2016), Preciado (2019) e Edelman (2004) irão escrever anos mais tarde, mas posto da seguinte forma: a relação entre infância *Queer* e como adultos conservadores irão lançar mão de tecnologias para conformar seus cor-

7 Escutar a música L'exécution de Angelo Badalamenti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-QvNK3-Fi_c&list=PLvtoVoSLovLgT_-UQVP4yCgh-4fW43_x&index=10



pos a uma visão de futuro que não as contempla, que mata possibilidades não normativas/*Queer*. Esse efeito pode ser relacionado a uma biopolítica do deixar viver e deixar morrer, mas também a uma tentativa de perpetuar-se como projeção psíquica através dos costumes desses grupos em atos educativos de disciplinar corpos construindo diferenças, em aspectos não formais semelhantes em certas proporções aos formais (Louro, 1997). Antes de adentrar mais a fundo nas interpretações, tomamos a liberdade de descrever quem são essas nossas personagens, os espaços e o tom do filme.

O filme inicia-se com uma trilha melancólica e tênue no que parece ser um quarto cheio de brinquedos. Carregada de verdes e amarelos que evocam algo como ferrugem e oxidação, a cena vai se construindo até apontar para uma lareira pela qual Papai Noel desce pela chaminé, trazendo vários presentes. Aquilo fascina a criança que abre seus olhos, que ganham um brilho intenso. A música muda para um tom alegre que aos poucos vai mudando para algo mais tumultuado, quando não apenas um Papai Noel aparece. Vários vão surgindo, já demarcando uma ideia central do filme, que é: as coisas não são o que parecem. A criança entra em desespero enquanto seu quarto se torna um local no qual renas cagam e os Papais Noéis bebem em seu cantil de bolso. Enquanto acuado, um Papai Noel se aproxima dele e corta para uma figura magra, esguia e cheia de aparatos eletromecânicos em sua cabeça, o cientista clonado Krank –cujo significado é “doente” em alemão (figura 1) e, ao seu redor, várias cápsulas (figura 2).

Nessas cápsulas, as crianças raptadas ou trocadas por tecnologias (como é apresentado ao longo da trama) são mantidas presas para que Krank consiga sonhar, pois no processo de clonagem, ele foi um clone que acabou não tendo a capacidade de sonhar, o que fez com que sua aparência envelhecesse cada vez mais e sua mente fosse deteriorando. Essa cena inicial é construída apresentando outras personagens que estarão presentes no filme com certas características: a esposa Martha, que tem nanismo; Krank, que não consegue sonhar; os seus irmãos clones, que têm narcolepsia e, apesar da aparência adulta, possuem comportamentos mais infantis; e Tio Irvin, um cérebro sem corpo, atormentado por terríveis enxaquecas crônicas. Poderíamos ler essa família como *Queer* de alguma forma, por não se centralizar em uma normativa de família, contudo, conforme as ações de Krank são postas em cena, entende-se uma luta constante para que a normatividade seja restaurada e ele possa sonhar com seu futuro.



Figura 1 – o cientista clonado Krank (“doente”)



Fonte: frame extraído do filme La cité des enfants perdu (Marc Caro; Jean-Pierre Jeunet, 1995)

Figura 1 – o laboratório de Krank (“doente”)



Fonte: frame extraído do filme La cité des enfants perdu (Marc Caro; Jean-Pierre Jeunet, 1995)

Ainda nesse início do filme, Krank abre a cápsula da criança de quem ele estava roubando os sonhos, e com isso podemos ver seu laboratório: o verde se intensifica mais, vários equipamentos de metal são espalhados pelo espaço, tubos por todos os lados, luzes indiretas aos fundos entre amarelas e vermelhas, algumas regiões sem qualquer iluminação (o que contrasta com o sonho da criança que tinha uma iluminação contínua em todo o cenário) e paredes de um ferro/metall totalmente esverdeado com sinais de um amarelo oxidado e com pregos e parafusos enormes. Essa criança segura um ursinho



de pelúcia que é arremessado pelo próprio Krank em um ataque de raiva e frustração de não ter conseguido concluir seu roubo dos sonhos. Nessa cena singela, podemos lembrar dessa relação do controle de qualquer forma de escape do que se quer dentro da normativa e então é necessário condicionar o corpo causando alguma ferida, a partir de Louro (2017) poderíamos ler essas cenas como um ato pedagógico tanto de Krank com a criança como dele para os irmãos, ensinando como tanto se lida com as frustrações como de se eliminar tudo que poderia de alguma forma desviar do propósito requerido.

Nas cenas que se seguem, somos apresentados à cidade portuária em que parte do filme se passa, um local que parece sempre estar de noite, mesmo durante o dia. Nas ruas principais, ela é retratada com vida quase como um circo, mas não sem violência. Nessa apresentação, uma criança tenta roubar outra que está passando o chapéu às pessoas que assistem ao espetáculo, e quando o apresentador tenta separar a briga, de forma violenta, é esfaqueado. Já temos outro contraste: a luz que ilumina a violência e os espaços públicos não é o suficiente para que as pessoas tomem alguma ação que não seja dentro da norma estabelecida. Ao longo da narrativa, conhecemos One, Criador e Miette, que são personagens que não aceitam as condições postas. Contudo, isso é construído, pois nos primeiros momentos eles apresentam-se como jogadores da norma, tentando sobreviver como podem. One fazendo parte do espetáculo, o criador fugindo do fracasso se tornando um mergulhador das profundezas e Miette organizando seus companheiros órfãos para roubarem e não sofrerem punições das irmãs gêmeas siamesas “the Octopus”. Essas duas personagens são representadas como um dos adultos que, de alguma forma, deveriam zelar pelas crianças, mas aprendemos que, em vez de, na escola, ensinar as crianças a serem livres, fazem uso desses espaços para extorquir os que os estudantes têm de valor e indicar quais os próximos locais para cometerem roubos. A criança nessa leitura pode ser vista como um corpo *Queer*, considerando que a norma está na relação do mundo do adulto, a criança em *La cité des enfants perdus* (1995) é o abjeto. O campo da escola, o local do sonho ou os espaços da cidade são permeados pelas regras dos adultos e constantemente as crianças são educadas por eles para reagirem de uma determinada maneira.

Louro (2000) lê essa relação como um efeito pedagógico que acontece a todo momento de cerceamento do desejo do outro que vai sendo dado de maneira cultural em atos educativos. Apesar de a autora focalizar, em um primeiro momento, em uma leitura da sexualidade, seus textos abrangem as perspectivas *Queer*, expandindo essa análise na relação entre o que é considerado normal e natural e, quando lemos essas cenas a partir de Butler, o abjeto (2019).

Conforme One, Criador e Miette vão sendo confrontados com situações que vão fazendo-os questionar como vem sendo construída sua sociedade e tomar responsabili-



dade por suas ações, eles três, dentro das limitações de ação, tentam combater a norma, mesmo que ela esteja o tempo todo em constante confronto dentro de si. A normatividade, nesse caso, a inação, se tornam a ação natural. Somada a essa tentativa de retornar à norma, é interessante notar que mesmo as corporalidades que podem ser lidas como dissidentes na trama (e em nosso mundo) acabam por restituir a norma como Martha, Krank, Tio Irvin, os clones, *Octopus* (poderíamos problematizar esse nome da personagem, mas, como não é o enfoque da análise, não o faremos) e a organização *Eye* (sobre a qual veremos mais detalhes adiante). Podemos pensar isso com Preciado (2019) e Mbembe (2016): um corpo *Queer* pode cair na cilada de querer fazer parte desse esquema normativo para se proteger, pois parece que o discurso de vida se associa a ela, mas não se enganem (diriam as autorias), essa é uma das operações mais básicas desses conservadores, projetar-se sobre a vida pulsões de morte. De alguma forma, a norma se dá a partir da eliminação da fabulação e da expressão múltipla, e de forma até mesmo contraditória, a sociedade poderia proteger suas crianças, como aponta Edelman (2004).

Ao negar então esse devir da criança (*Queer* / viada/ bicha / brincante / não adultocentrada / feliz / múltipla etc.), regimes de opressão vêm à tona, com outra roupagem, mas com mecanismos similares aos de outras épocas. O filme perpassa esse ponto elevado ao máximo; a criança é retirada de toda e qualquer vontade e desejo, a ponto de ser considerada apenas um objeto e, como vemos em Mbembe (2016), quando chegamos a esse ponto, se perde a humanidade. Poucos são os adultos que realmente escutam-nas e, quando o fazem, percebem um ser humano em sua frente.

As instituições não são invisíveis na trama; temos indicações de um Estado operante, mas que é omissos em algumas questões. Quando One conhece *Octopus*, ele imediatamente é visto como uma possibilidade de ganho, sobretudo por sua força sobre-humana. Ele poderia levantar cofres para as crianças que não tinham essa força, facilitando e agilizando o processo de roubo. Nosso enfoque é na cena posterior à desse roubo, o qual um policial corre atrás deles. Em quase nenhum momento, o Estado, representado aqui pela figura da polícia, aparece para auxiliar as crianças e evitar os assédios cometidos pelos adultos; no máximo, temos cartazes espalhados pela cidade indicando crianças que desapareceram, mas algo que não é dado como se foi mobilizado pelo Estado ou não. Essa ideia se soma a um ponto que levantamos anteriormente a respeito do valor posto à criança nesse mundo, se para *Octopus* o dinheiro está em cima do desejo de liberdade das crianças e para o Estado no filme, a defesa da propriedade privada também. Isso quer dizer que a propriedade privada e a do dinheiro são colocadas acima da segurança da infância e da segurança de quem é abjeto de maneira geral; não se escutam as sirenes do Estado tocar quando o amigo de One é assassinado no meio da praça pública, mas quando ocorre um caso de roubo ou invasão de propriedades que não são dos abjetos, elas



se tornam zumbidos incessantes. Não à toa, Mbembe (2016) aponta como o Estado muitas vezes foi o protagonista da morte, mas, em suas leituras, a partir de Michel Foucault, poderia dizer que o Estado também deixa morrer e deixa viver a esmo. Na cena referida nos pôsteres das crianças perdidas, somos apresentados, um pouco antes a um grupo de pessoas com deficiência visual, algumas das quais possuem certos aparatos tecnológicos na cabeça. Esse grupo é identificado como membro da organização conhecida como *Eye* (figura 3), responsável por raptar as crianças.

Figura 3 – membros da Organização *Eye*



Fonte: frame extraído do filme *La cité des enfants perdu* (Marc Caro; Jean-Pierre Jeunet, 1995)

A trama ilustra como a atuação do *Eye* se assemelha a uma metáfora para os setores mais conservadores, configurando-se como uma força de trabalho na construção de um futuro que tolera a barbárie, bem nos termos que Preciado (2019) propõe no texto mencionado anteriormente. No papel de sequestradores de crianças, o *Eye* troca-as por dispositivos produzidos por Krank. Seu discurso é crucial para convencer outros a se alinharem à sua cruzada contra um mundo de perversão e superficialidades, sendo apresentado durante um longo plano-sequência de cerca de 2 minutos.

A verdadeira luz é invisível. Penetrem no corredor das sombras e vocês entrarão no mundo dos escolhidos. Renunciem ao dom da visão. Eu sei que há céticos entre vós, receosos de partilhar conosco a morte da noite. Tenham coragem. Renunciem ao dom da visão. Arranquem vossos olhos. Juntem-se a nós. Ajudem a nos construir um mundo melhor (Capanga, em *LA CITÉ DES ENFANTS PERDUS*, 1995).



Nesse contexto, os seguidores são compelidos a se cegarem e a substituírem sua visão bifocal por uma visão monofocal usando os dispositivos fornecidos. Os corpos, mentes e identidades de gênero então se moldam para se conformarem à nova prótese, transformando-se em uma espécie de ciborgue anti-harawayano (Haraway, 1985). O trabalho do *Eye* é alienante a ponto de justificar o sequestro e a venda de crianças como mercadoria, transformando-as em objetos de troca de sonhos, em que os sonhos das crianças são substituídos pelos futuros imaginados pelo *Eye*. Inclusive quem faz o processo de troca das crianças é Martha, representada ao longo da narrativa como uma figura maternal de Krank, mas considerada como uma não-mulher por ser uma pessoa com nanismo. Apontamos essa peculiaridade da troca se por ela e da relação da negação de sua mulheridade (pensando aqui com os processos de formação da sexualidade para Butler, 2019 e Louro, 2000), que a normatividade reitere a posição de subalterna de Martha de não mulher, ao mesmo tempo que ela mesma reproduz a norma nesse estado mais endurecido, em uma aspecto que evoca a um instituto de proteção do que considera seu filho: Krank. A níveis bem semelhantes ao que entendemos do cerne do discurso mobilizado por Frigide Barjot, comentado por Preciado (2019), e justificado como a defesa do indefeso aos olhos de Martha.

Os espaços da organização *Eye* também têm aspectos interessantes a serem analisados. A sala de reuniões do grupo, dominada por homens brancos vestidos de cinza, parece uma caldeira avermelhada, com filas de arquibancadas enormes desses homens. Todos esperam que o líder (uma espécie de sacerdote) os privilegie com a visão mecânica, como é colocado na citação anteriormente mencionada. Esse espaço imenso parece não ter fim verticalmente e se estabelece em uma repetição de feições muito semelhantes, como se todos ali se tornassem os mesmos. Podemos ver correntes descendo do teto e um fogo ao fundo do líder que está a frente de um altar vermelho. Essa é uma das poucas cenas em que o vermelho e o amarelo interrompem quase que totalmente a cena sem a presença de verdes.

Olhando para a construção total do filme, parece ser coerente dizer que a criança *Queer* é aniquilada, submetida à conformidade física e mental pela imposição de objetos protéticos como armas de conformação, reminiscentes do conceito de gênero de John Money. Krank se apropria dessas crianças para modular ainda mais profundamente sua subjetividade, adentrando no reino dos sonhos, anulando a criança tanto em potencial quanto em retrospecto. Não somente isso, ao roubar seus sonhos, eles a substituem por seus pesadelos, envolvendo-a em suas cápsulas que parecem nesse momento sarcófagos. As crianças 'sobreviventes' vivem com medo e vulneráveis a mais abusos, enquanto a projeção de sua imaginação se torna restrita, incapaz de conceber uma imagem de si que não seja imposta por outros. A norma penetra em seus corpos, enraizada em



suas mentes, desafiando a construção de um futuro emancipatório. Assim como Nelson (2002) compreende o potencial do Afrofuturismo para enfrentar questões reais, é necessário projetar um futuro que inclua essas crianças *Queer* como protagonistas, desmantelando os laboratórios dos ladrões de sonhos, como retratado no filme.

A biopolítica é vivípara e pedófila. A reprodução nacional depende disso. A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera (Preciado, 2013, p. 2).

Inconclusões para fabular futuros possíveis⁸

A obra cinematográfica abre um tempo no espaço mental que nos eleva a uma condição de reflexão e afetação em demasia. Esse filme afetou as autorias de maneira profunda tanto pela temática, quanto pelas suas próprias experiências de sonhos roubados por uma corja de ladrões que se dizem mocinhos. Os processos educativos aqui no filme são evidentes a medidas que nos grandes salões da corporação do “The Eye” e nas salas de aula do orfanato as crianças aprendem como se portar e ter seus sonhos roubados, aprendem a sonhar e deixar-se violentar pelo mundo; ninguém, nas instituições propostas pelo filme (com raras exceções), quer defender a criança abjeta, apenas os outros abjetos que são excluídos, não por se projetar de uma maneira egoísta naqueles corpos, mas entenderem a beleza e potência da liberdade e do sonho de outros mundos. As instituições, ao clamarem tanto por humanidade, parecem destituir e diminuir qualquer possibilidade de empatia com futuros não normativos. Seu objetivo é tornar-se imortal a partir da destruição do sonho dos outros, mesmo que signifique causar profundos pesadelos. Assim como Preciado podemos então perguntar a sociedade a respeito de quem defenderá o direito das crianças de vivências e corporalidades divergentes quando a violência física e mental é tão familiar e profunda? É necessário que o estado não se omita nessas condições e que batalhamos para uma construção de um estado de direito que é de fato para TODES entendendo que enquanto uma pessoa for considerada abjeta para ser eliminada nas políticas de morte, não existe estado que não seja de sítio. Se não combatemos um estado desse tipo, os nossos afetos e vivências serão permeados por ações de terror e então a morte e um futuro que não contempla a diversidade será a realidade.

⁸ Escutar a música La Cite des Enfants Perdus de Angelo Badalamenti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qZoJCusweN8&list=PLvtVoSLovLgT_--UQVP4yCg4fW43_x&index=16



O que o filme explicita é exatamente essa potência das próprias crianças em demonstrar seu desejo e dizerem ‘não’ em atos de resistência a essa captura, precisamos não proteger a criança em uma atitude paternalista, mas estar ao lado da criança e aprender a escutá-la, a reconhecendo enquanto humana.

Referências

Livros e folhetos:

- ADICHIE, C. N. **O Perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. Editora Pólen, 2019.
- BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, [1993], 2011.
- BUTLER, J. **Questões de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- EDELMAN, L. **No future: queer theory and the death drive**. Durham: Duke University Press, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal 1999.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.
- LACQUER, T; GALLAGHER, C. **The Making of the Modern Body: Sexuality and Society in the 19th Century**. Califórnia: University of California Press, 1987.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- PRECIADO, P. B. **Um apartamento em urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Capítulos de livros:

- DELEUZE, G. “A potência do falso”. In: DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. Cinema 2. São Paulo: Brasiliense, 2005[1985].
- HARAWAY, D. “Introduction”, “Playing String Figures with Companion Species” e “The Camille Stories. Children of Compost”. In: HARAWAY, D. **Staying with the trouble. Making kin in the Chthulucene**. Durham, London: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, D. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019[1985].
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o excêntrico”. Em: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** / Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000
- MCLEAN, S. “Part I. Anthropology: a fabulatory act”. In: **Fictionalizing anthropology. Encounters and fabulations at the edges of the human**. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2017.



Dissertações:

AZZANI BRAGA, B. *As Fantasias d*Verm*: Histórias sobre a Construção de Meus Afetos a Partir das Personagens de Animações*. Dissertação para o Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Comunicação (PPGCom), Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2023.

Artigos publicados em Revista Científica:

BRITO, L. T. de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. e79307, 2021. DOI: <https://orcid.org/0000-0002-9123-5280> Acesso 30 mar. 2025.

FREITAS, K; MESSIAS, J. O Futuro será negro ou não será. **Imagofagia – Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**. Buenos Aires, 2018.

KUMPERA, J.A.M. Lesbianidade e branquitude. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 04, 2020.

MOMBAÇA, J. Para desaprender o queer dos trópicos: desmontando a caravela queer. **Sexuality out of the box (Sex Box)**. 2016. Disponível em: <http://www.ssexbbox.com/2016/08/para-desaprender-o-queer-dos-tropicos-desmontando-a-caravela-queer/> Acesso em: 03 mar. 2025.

NELSON, A. **Introduction. Future Texts. Social Text**, v.20, n.2, 2002.

NELSON, A. **“Making the impossible possible”**. An interview with Nalo Hopkinson. **Social Text**, v. 20, n. 2, 2002.

NODARI, A. Literatura como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll**, v.38, 2015.

TAL, K. “That just kills me”. Black militant near-future fiction. **Social Text**, v.20, n.2, 2002.

TRÁVEZ, D. F.; MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L.; PIERCE, J. M.; VIDAL-ORTIZ, S.; VITERI, M. A. Introdução: Queer/ Cuir das Américas: tradução, decolonialidade e o incomensurável. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 15, p. 01-16, 2021. DOI: 10.9771/peri.v1i15.44777. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/44777>. Acesso em: 19 mar. 2026.

YAMAMOTO, E. Y. **Comunidade e Comunicação II – Ensaio do ser-com**. Appris: Curitiba, 2020, p. 139-165.

Documentos eletrônicos e audiovisuais:

LA CITÉ DES ENFANTS PERDUS. Direção de Marc Caro e Jean-Pierre Jeunet. França: Estudio Canal +, 1995. 1 filme (112 min.): son.; color. Suporte em DVD.

MBEMBE, A. “Afropolitanism and Afrofuturism”. Palestra em vídeo. College de France. Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/site/en-alain-mabanckou/symposium-2016-05-02-17h30.htm>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Pinheiro, E. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. **Brasil de Fato**, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 23 jan. 2022.

Submetido em: 30/12/2025

Aceito em: 22/05/2026